

| O procedimento de tradução na Cultura, na arte e sua condição antropofágica.

Resumo

Este artigo aborda o procedimento de tradução que ocorre no confronto de diferentes linguagens, culturas e saberes. A tradução, segundo Boaventura Souza Santos, assume a forma de um procedimento de interpretação, com o propósito de identificar questões comuns, mas também os contrapontos, entrelaçando diferenças e deslocando dispositivos de poder dos sistemas políticos e sociais, de representação das diversas sociedades. O objetivo do estudo é analisar como a tradução opera na busca por conexão entre culturas com pensamentos distintos e sua condição antropofágica. O artigo discute também os efeitos dessa dinâmica na arte e nas redes que se hibridizam, encontrando seus elementos comuns. Trata-se de um procedimento que se situa na interseção entre o mundo e o homem, a partir da reflexão de diferentes vozes, permitindo criar associações, gerar sentidos e encontrar direções, abrindo caminhos para uma compreensão social mais ampla.

Palavras-chave: Tradução; Cultura; Antropofagia; Arte.

Abstract

This essay is about the translation procedure that takes place in the confrontation of different languages, cultures and knowledge. As the Boaventura Souza Santos defines, translation takes on the form of an interpretation procedure, with the proposal of identifying common questions, and also the counterpoints, twining differences and delocating power dispositifs in the political, social and representation systems of various societies. Translation has the objective of seeking the connection among cultures with distinct thoughts, allowing reflection about networks that hybridize, however finding their common elements. It is part of the intersection between world and man and takes place through the reflection on different voices, allowing the creation of associations, generation of senses, finding of directions and opening paths to a more extensive social comprehension.

Keywords: Translation; Culture; [Anthropophagy](#); Art.

Tradução e Cultura

Partimos do princípio que não há conhecimento sem cultura. Entendemos que esta se constrói por um ciclo ininterrupto e aberto de experiências físicas e sensoriais. Seguindo uma abordagem antropológica, a

cultura está diretamente conectada com as ações humanas do dia a dia, é o que fazemos o tempo todo, é cognição contínua, é a construção de sentidos, local onde a tradução se dá. É a interseção e a interação entre corpo, cérebro e natureza que produz, incessantemente, conhecimento e os faz caminharem juntos. É um corpo que se atualiza e se renova por seguidas trocas não só internas mas também externas; que se atualiza a cada nova descoberta do passado, produzindo um repensar do presente sobre o futuro. Podemos ver a cultura também como uma construção inteligente que se expande sempre, atuando no sistema social e político, uma vez que todos procuram se articular por meio dela.

Nesse recorte, a tradução tem uma lógica de funcionamento precisa. Ela depende da identificação dos códigos do outro: é uma operação individual ou coletiva, consciente ou não, que faz o transporte de códigos entre linguagens. Temos hoje uma infinidade de linguagens pulverizadas em nosso dia a dia, que não param nunca de se multiplicar. O entrecruzamento de formatos e de diferentes culturas possibilita o surgimento contínuo de outras linguagens. O processo de tradução assume a forma de um procedimento de interpretação, com o propósito de identificar questões comuns, mas também contrapontos, entrelaçando diferenças dos sistemas políticos, sociais e culturais de representação nas diferentes sociedades do mundo. O processo de tradução articula-se no confronto entre linguagens, gerando novas possibilidades de resposta. Tem o potencial de deslocar dispositivos de poder, uma vez que abre para a sociedade outras possibilidades de compreensão de um mesmo assunto. Em sua condição híbrida de entrelaçamentos, pode gerar a articulação de ideias e conceitos, dentro de sistemas sociais rígidos institucionalizados.

Cabe trazer como debatedor, para esta discussão sobre a tradução como busca de conexões e compreensão entre culturas e linguagens distintas, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que afirma:

[...] necessitamos é de uma teoria de tradução que torne as diferentes lutas mutuamente inteligíveis e permita aos autores coletivos “conversarem” sobre as opressões a que resistem e as aspirações que os animam (Santos, 2000, p. 27, apud Baptista, 2010).

A tradução é o procedimento que permite criar associações e compreensões recíprocas entre experiências e acontecimentos. Segundo Greiner (2010, p. 15) “há uma fala secreta no silêncio que torna a tradução próxima da criação [...]”.. Neste sentido, torna-se necessário interrogar a lacuna, o vazio, o silêncio que fala ao mesmo tempo que reprime, deixa em suspensão, confunde e altera fatos, contextos e sentimentos. Há momentos em que o silêncio aceita e conforta, mas há outros em que assusta, engana, pergunta e responde ao mesmo tempo. Segundo Santos (2007), a gestão do silêncio e a tradução do silêncio são tarefas das mais exigentes do trabalho de tradução.

Para Santos (2000, apud Baptista, 2010), a tradução é um procedimento tanto intelectual quanto político. Situa-se na interseção entre o tema em pauta, o objeto emissor de informações e o pesquisador. Tem o potencial de “alterar esse quadro de invisibilidade ou desvalia de sujeitos coletivos, que são tomados apenas como objetos de estudo, quase nunca como sujeitos ativos, produtores de histórias, racionalidades e subjetividades” (Lins; Rezende; França, 2011, p. 57). É um procedimento que ativa o desenvolvimento reflexivo e é capaz de produzir pensamentos críticos; traz à sociedade mais compreensão sobre seu momento histórico e, portanto, a possibilidade de redimensionar noções de política e cidadania.

Segundo Santos, “o objetivo da tradução entre práticas e seus agentes é criar as condições para uma justiça social global a partir da imaginação democrática. O tipo de transformação social exige que as constelações criadas pelo trabalho de tradução se transformem em práticas transformadoras”. (Santos, 2005, p. 10)

A tradução constrói o discurso e, ao mesmo tempo, o desconstrói, apresenta um modo reflexivo e dialético entre as vozes possíveis captadas, mediadas e traduzidas. A linguagem, por sua vez, é um meio de se traduzirem imagens mentais para a forma verbal; mas elas também podem ser traduzidas para imagens na produção artística, em suas diversas técnicas de expressão. As imagens podem articular diferentes assuntos e gerar linguagens, não apenas dando forma a um conceito, mas também elaborando um pensamento mais específico sobre determinado assunto.

Em geral, a produção de imagens na arte foi usada para representar e reproduzir, mas também para documentar e traduzir passagens históricas, religiosas, políticas e cotidianas. Hoje, a carga histórica de acontecimentos vem traduzida pela visão contemporânea, apoiada na tecnologia e apontando para uma outra dimensão da realidade: a dimensão da “modernidade líquida”, cuja estrutura sociopolítica é regida pelas ideias de mobilidade e provisoriedade. As produções artísticas se expandiram não só pelas descobertas tecnológicas, mas também pelas mudanças no contexto social e político, gerando construções em formato provisório, móvel, fracionário e inconstante. Segundo Santos:

[...] toda teoria crítica está na convicção de que é possível superar aquilo que é criticável no que existe, aquilo que nos causa desconforto, inconformismo ou indignação. O desconforto, inconformismo ou indignação com o que existe faz com que nos obriguemos a interrogar criticamente nossa sociedade e buscar alternativas fundadas nas respostas que dermos a essas interrogações (2000, p. 27, apud Batista, 2010, p.).

A tradução situa-se na mediação entre o mundo e o homem, dá-se a partir da reflexão de diferentes vozes; mostra-se um procedimento capaz de gerar sentidos e encontrar direções, de criar associações e compreensões recíprocas entre as experiências e os acontecimentos. A tradução é, ainda, “um trabalho emocional porque pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do caráter incompleto ou deficiente de um dado conhecimento ou de uma dada prática” (Santos, 2002, p. 37).

Traduzir é também ativar o sentido e o significado de fatos que não estejam, à primeira vista, entre os principais; é construir mapas sensíveis, visuais e sonoros, e, por meio dessa construção, ativar partes da memória social e coletiva. É uma forma de rever um passado que invade o presente apresentando possibilidades de se pensar o futuro. É uma construção capaz de gerar, no espectador, mapas de ideias ativados por sentidos, raciocínios, muitas vezes adormecidos.

Tradução Artística

Como agente transformador, a tradução pode potencialmente promover, por intermédio da produção artística, discussões públicas, mudanças sociais, revisão de valores políticos, se construindo também a partir da interpretação dos diferentes discursos sobre o mundo em que se vive. Assim como a cultura, podemos dizer que a arte em seu processo de tradução¹, enseja a assimilação do mundo e a mixagem do outro, devolvendo-o em uma nova forma, editada. Com sua força de proporcionar ao público ferramentas que lhe permitem esclarecer e entender melhor o mundo em que vive, a arte tem seu potencial de tradução consolidada, com sua função crítica e social, quando se mostra capaz de expor a realidade sobre os jogos de interesses que atravessam a sociedade. Pode oferecer ao espectador informações políticas que lhe permitem encontrar respostas e usar essa experiência para repensar sua própria identidade. A obra de arte, por sua vez, é um testemunho, mas também um documento que surge como desdobramento dessas informações mediadas e traduzidas.

¹ Pensar a arte como um processo de tradução é uma das hipóteses de trabalho desenvolvida na minha pesquisa de doutoramento, a ser defendida no final de 2014.

Se a finalidade do procedimento de tradução é criar práticas ou estratégias que possam atuar na sociedade, a tradução precisa trabalhar no sentido de gerar “zonas de contacto capazes de tornar porosos e, portanto, permeáveis” (Santos, 2004, p. 80) discursos e saberes entre diferentes situações e condições da vida humana.

Para se alcançar o objetivo do procedimento de tradução como agente transformador cabe apostar em possibilidades de mudança, promover debates, atuando horizontalmente e com o devido respeito a cada cultura. Contudo, para que se estabeleça um diálogo legítimo e fértil, através da tradução, tanto na cultura como na arte, há que se reconhecerem todas as dificuldades e as fraquezas em jogo. Nesses termos, será necessário um enorme esforço de aceitação e reconhecimento de todas as partes, para que certas transformações realmente se concretizem. Podemos dizer que “essa tarefa implica um vasto exercício de tradução para expandir a inteligibilidade recíproca sem destruir a identidade dos parceiros da tradução.” (Santos, 2004, p. 80).

Há, aqui, um salto qualitativo do conceito. O procedimento de tradução aparece em sua potência atual, em ato político, a partir do qual um processo de transformação social é acionado, tendo como eixo de agenciamento um território híbrido entre a cultura e o fazer artístico. Podemos entendê-la como uma forma de metamorfose ou mestiçagem contínua entre os elementos constituintes do processo de tradução, isto é, dos corpos e linguagens agenciados durante o processo de criação na arte² e na cultura. Metamorfose ganha um sentido específico, como elaborado por Castro, “metamorfose é desordem, regressão e transgressão; mas não se trata de uma simples

² Um bom exemplo é o “Manguebeat”, surgido no Recife na década de 1990. O movimento teve como suas principais críticas o abandono econômico-social do mangue, a desigualdade social e, acima de tudo, a necessidade de se fazer uma arte que fosse coerente com a expressão local. A mistura de ritmos regionais com a música eletrônica e, ainda, o diálogo entre as técnicas globais da música pop, do *rock* e outras formas de representação do capitalismo cultural deram origem a uma outra expressão musical local, que tinha como objetivo a contestação política e social, associada a um valor estético e lúdico.

recuperação da natureza daquilo que lhe foi roubado pela cultura. Ela é também criação, capaz de manifestar uma dimensão do real” (Castro, 2008, p.73).

De todo modo, é de fundamental importância compreender o potencial de participação da arte no debate político contemporâneo, quando os limites da arte tradicional tornaram-se fluidos em termos visuais, narrativos e conceituais. Podemos afirmar que os artistas, em suas diversas formas de expressão, são capazes de documentar ao mesmo tempo que desenvolvem o olhar, levando ao público modos de ver, sentimentos e particularidades de aspectos muitas vezes encobertos ou não divulgados; assim como se propõem a reformular questões abandonadas de diferentes culturas, aparentemente sem importância para a maioria das pessoas. O procedimento de tradução na arte não propõe uma transformação literal de uma linguagem em outra. Ao contrário, o processo de tradução proporciona a reformulação de questões ao encontrar caminhos para ultrapassar as divergências entre as linguagens, bem como comunicar, além de documentar, de maneira singular, o que não pertence à linguagem ou à cultura que a formaliza.

Tradução e sua condição antropofágica

Neste artigo o procedimento de tradução é pensado também a partir do conceito deleuzeano de dobra. Para Deleuze (2008), a dobra vem acompanhada de uma série de movimentos latentes, cabe lembrar, que para o filósofo, tudo que dobra se redobra e se desdobra. A dobra é uma forma de flexão, de “molabilidade”, que apresenta uma relação entre o dentro e o fora, sem deixar de ser também uma forma de reflexão. É uma potência que implica um processo de investigação e, conseqüentemente, de dessubjetivação e subjetivação caracterizado por sua condição estrutural móvel e maleável. É a produção contínua de novas possibilidades, é a relação de novas forças que

surge no pensamento livre e nômade, capaz de se reinventar e se multiplicar constantemente.

Para Deleuze (1991), a dobra representa a força de dobrar e desdobrar conceitos, de digeri-los e atualizá-los, criando diversas aberturas para a produção de sentido. Diferente do pensar por dicotomias, em que um lado tem a intenção de ultrapassar ou anular o outro como caminho e objetivo, a dobra se estrutura nas possibilidades flexíveis e abertas em todas as direções, admitindo conceitualmente uma multiplicidade de pontos de vista. É um conceito que propõe uma adesão inclusiva, e não a exclusão que separa e retira o outro do jogo. É um conceito que apresenta uma saída para a lógica binária que divide o mundo entre o bem e o mal, apresenta uma alternativa possível para se repensar o sistema político, religioso, capitalista, que recusa tudo aquilo que o tira de sua ideia central, de suas crenças e de seu modo de organização.

A tradução, além de ser uma espécie de dobra, com toda sua potência de se desdobrar em diferentes direções, é também antropofágica, pois é uma maneira tradutória de devorar o outro e trazê-lo de uma outra forma. Seria impossível escrever sobre tradução e cultura sem considerar a metáfora canibal na arte. Fundamentada por Oswald de Andrade no *Manifesto Antropofágico*, em 1928, a metáfora canibal afirmava que somente a antropofagia poderia nos unir. Tinha o objetivo de demarcar a cultura brasileira como aquela que devorava a cultura europeia, digerida e reinaugurava crítica e culturalmente um outro espaço. Era uma luta contra a dependência europeia e em favor de uma autenticidade para a cultura brasileira. Pela metáfora canibal, pudemos entender os processos de tradução e reconfiguração cultural, pois a mestiçagem, mistura étnica e cultural presente principalmente na América Latina, fez a cultura se desdobrar em diversas direções, renascendo em outros formatos.

Além de buscarmos compreender as questões da tradução na cultura, o objetivo deste estudo é entender também a sua condição híbrida, numa perspectiva antropofágica. Para isso, é fundamental entender os procedimentos de tradução, seus objetivos, mas também entender como eles se dão, e qual é sua capacidade de alcance em termos de reflexão social e de reformulação de conceitos nas diferentes culturas. Trata-se de pensar a tradução não só como o lugar da cultura, mas como uma solução mais democrática, capaz de abrir caminhos para uma compreensão social mais ampla, que pense a possibilidade de inclusão sem exclusão, de emancipação social e de reinvenção do presente, apresentando uma condição de reciprocidade mútua, em diferentes linguagens, etnias e conhecimentos.

A tradução mistura arquivos de memória e sentimentos, selecionando-os. É também uma forma de redescobrir a dimensão selvagem e livre que habita em todos nós. O modelo selvagem e canibal de origem indígena abole, em seu estilo comunitário de vida, a ideia de centro e periferia, tão demarcada no espaço urbano ou pelas culturas centrais. Entendemos hoje a periferia como o local onde as pessoas se aceitam, se encontram, se misturam, se desdobram e compartilham, promovendo a mistura de códigos de forma fluida. É o local das danças, dos cantos, da ingovernabilidade, é onde os sentidos afloram. Vale lembrar que “a antropofagia invade então o pensamento domesticado, selvagizando-o” (Castro; Sztutman, 2008, p. 15) e vice-versa. Conseqüentemente, trocas culturais ricas e interessantes cresceram nas periferias, entendendo que esta passou a ser vista por historiadores e pesquisadores como um importante local de compartilhamento, mas também de mistura étnica mais intensa.

Diferentes perspectivas são diferentes interpretações, isto é, estão ligadas aos interesses vitais de cada espécie, são muitas mentiras favoráveis à sobrevivência e à afirmação vital de cada existente. As perspectivas são forças em luta, mais que visões de mundo... Digo forças em luta porque um dos grandes problemas prático-metafísicos indígenas consiste em evitar ser capturado por uma perspectiva não

humana, isto é, deixar-se fascinar por uma perspectiva alheia e assim perder a própria humanidade, em proveito da humanidade de outros – da humanidade tal como experimentada por uma outra espécie (Castro; Sztutman, 2008, p. 121).

A mistura entre europeus, índios e africanos desencadeou um achatamento de identidades e de diferenças, principalmente no lado mais frágil, nos africanos e índios, pressionados pelo sofrimento provocado pela escravização, pela luta e pela repressão colonial europeia. Por outro lado, podemos dizer que esta mistura promoveu a mestiçagem étnica e cultural que resultou em um outro modelo de sociedade. Trata-se de uma mistura que apresentou como resultado pessoas que não são nem europeus, nem índios, nem africanos, são um pouco de tudo. Trata-se de um povo híbrido, que se construiu na mistura, com plena liberdade de acolher todas as diferenças e inaugurar outras formas de viver, ser e pensar.

Em um discurso comum que se difunde nas comunidades indígenas, os índios afirmam que estão virando brancos e que estão acabando. Contrariamente, Castro e Sztutman esclarecem que:

O que parece, entretanto, é que não se acaba nunca de virar branco; e que os índios não acabam de acabar; é preciso continuar a ser índio para poder se continuar a virar branco. E parece também que virar branco à moda dos índios não é exatamente a mesma coisa que virar índio à moda dos brancos. Até que se vire. Mas aí, como se sabe, aquilo que se virou vira outra coisa. (2008, p. 158).

Neste sentido, é que verificamos o desdobrar de misturas, pois estas se traduzem sempre em algo novo, se reconstruindo de maneira móvel e constante. Embora este seja um processo de canibalização mútua, a ideia não é nivelar, ou torná-las iguais, unificando-as, mas encontrar um procedimento tradutório que possibilite a ambos serem igualmente diferentes com suas múltiplas e contínuas dobras.

O canibalismo em sua forma metafórica pode ser pensado também como uma maneira de desmontar dispositivos de poder, isto porque engolir e

digerir algo implica a não aceitação opressora do poder do “centro”. A “tradução, como se diz, sempre é uma traição” (Castro; Sztutman, p. 122). Sendo assim, podemos citar o caminho da cultura europeia ocidental, que em diferentes escalas, caminhou inversamente à cultura latino americana. Trata-se de uma cultura que contrai as possibilidades de misturas, portanto de expansão, para manter o controle centralizado; retrai o momento presente com a promessa de se expandir no futuro. Claro que não se podem negar os ganhos em termos de crescimento organizado da Europa, mas este não é o assunto principal deste texto, e sim a tradução como possibilidade de reinauguração de novas possibilidades de pensamento e de emancipação sociocultural.

A questão é que o processo de organização contraída influenciou e direcionou, nas devidas proporções, a cultura latino americana para um pensamento racional-humanista fechado, no qual o sujeito organiza o objeto, seu espaço, sua cidade, sua cultura, mas não dá voz a quem fala, não permite uma realidade híbrida e em constante transformação. É uma sociedade que sabe da existência do outro, mas não o escuta, não se aproxima, não troca nem compartilha. Portanto, não permite que a constante “digestão”, interação entre culturas se estabeleça de modo crescente e natural. Entendemos que, segundo Deleuze (1991), os ciclos de dobras e trocas na cultura e na natureza humana produzem conhecimento e caminham juntos, entretanto, se estes se estabilizam de forma circular, o desdobrar não acontece, a renovação não se estabelece, e acaba limitando o crescimento sensível e mesmo selvagem da criatividade.

Engolir e digerir experiências carregadas de diferenças culturais, conceituais, religiosas e mesmo étnicas implica inverter posições, desmontar fronteiras, traduzir uma cultura em múltiplas outras. É um processo que promove abertura dinâmica, interligando camadas de uma rede de informações em trânsito. Incorpora o outro e devora o inconformismo estático, abrindo caminhos para a emancipação social. Trata-se de permitir e

promover a investigação, deixando o conhecimento social menos parcializado, lembrando que “se tudo é humano, então tudo é perigoso” (Castro; Sztutman, 2008, p. 14).

O procedimento de tradução pode ser comparado ao canibalismo. Isto porque podemos identificar nessas dinâmicas “a mesma propensão e o mesmo desejo: absorver o outro e, neste processo, alterar-se” (Castro, 2011, p. 270).

A mistura ocorre na incorporação das culturas alheias. No entanto, para isto é necessário antes de mais nada reconhecer a presença do outro. É um procedimento no qual o centro se descentraliza no reconhecimento e na incorporação da alteridade. Somente assim se consegue estabelecer um processo de tradução mútua, uma verdadeira reconfiguração, onde as estruturas se metamorfoseiam, criando novas interpretações e novas possibilidades para um mesmo jogo.

Cabe trazer as colocações de Castro e Sztutman, (2008) nas quais afirmam que a “metamorfose é desordem, regressão e transgressão; mas não se trata de uma simples recuperação da natureza daquilo que lhe foi roubado pela cultura. Ela é também criação, capaz de manifestar uma dimensão do real.” (Castro; Sztutman, 2008, p. 73)

Se não houver um encaixe das partes, uma costura que as una e as relacione gerando sentidos e uma aliança, o contexto em questão corre o risco de se tornar um aglomerado de dados sem nexos. A tradução é um processo digestivo, mas é também uma estratégia de repensar contextos existentes e de reinventá-los. Seria uma solução mais democrática de buscar caminhos de compreensão mais aberta, de emancipação social e de reinvenção do presente.

O que está em questão é a criação, a abertura de possibilidades para uma estrutura baseada na diversidade, desmontando combinações da estrutura binária de poder. Esta apresenta grande efeito cumulativo, com a passagem do tempo, fortalecendo as barreiras e as diferenças sociais. É

preciso destrinchar e mapear que tipos de relações são possíveis entre diferentes conhecimentos, e desmontar ou ultrapassar as linhas abissais que construíram o pensamento das sociedades dividindo os seres humanos entre incluídos e excluídos. Segundo Santos, “através da tradução, torna-se possível identificar preocupações comuns, aproximações complementares e, claro, também contradições inultrapassáveis.” (Santos, 2010, p. 62)

Podemos dizer que a relação entre a cultura europeia ocidental e a cultura latino americana se estabeleceu sobre bases estruturais de centro e periferia, divisão esta que se torna cada vez mais evidente também dentro dos países de cultura latino americana por apresentar enormes diferenças entre as classes. São diferenças que tornam as contradições muito difíceis de ultrapassar e trazem junto perguntas que não calam: “ como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis?” (Santos, 2009, p. 31). Como gerar um diálogo entre culturas diversas com o objetivo de incluir sem excluir? Como gerar formas de esclarecimento e entendimento das diferenças sem comprometer a dignidade do outro?

SONIA GUGGISBERG

Doutoranda do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Mestre em artes pela Unicamp. Pesquisadora, artista plástica e vídeo artista.

Email: soniaguggisberg@terra.com.br

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald de. *O manifesto antropófago*. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro: apresentação e*

crítica dos principais manifestos vanguardistas. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.

BAPTISTA, Caco. *Teoria crítica e epistemologia na pós-modernidade inquietante*: as propostas de Boaventura de Sousa Santos para construção de um novo senso comum emancipatório em *A crítica da razão indolente*, 2010. Resenha do livro *A crítica da razão indolente*, de Boaventura de Sousa Santos. Disponível em: <http://professorcaco.blogspot.com.br/2010/05/teoria-critica-e-epistemologia-na-pos.html>>. Acesso em: 02 junho. 2014.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CASTRO, Eduardo Viveiros de; SZTUTMAN, Renato (Org.). *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papyrus, 1991.

GREINER, Christine. *O corpo em crise: novas pistas e o curto-circuito das representações*. São Paulo: Anablume, 2010.

LINS, Consuelo; REZENDE, Luiz Augusto; FRANÇA, Andréa. A noção de documento e a apropriação de imagens de arquivo no documentário ensaístico contemporâneo. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 21, p. 54-67, jun. 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento, 2006.

_____. *É preciso pensar e reinventar Portugal*, 2011. Disponível em: <http://saladeimprensa.ces.uc.pt/?col=noticias&id=3919>>. Acesso em: 02 junho. 2014.

_____. *O futuro do Fórum Social Mundial: o trabalho da tradução*. Fórum Social Mundial, 2004. OSAL, Observatorio Social de América Latina (año V nº. 15 sep-dic 2004). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/gsd/collect/clacso/index/assoc/D3725.dir/8sousasantos15.pdf> >. Acesso em: 02 junho. 2014.

_____. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2007. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?client=safari&rls=en&q=Para+uma+sociolo>

gia+das+ausências+e+uma+sociologia+das+emergências&ie=UTF-8&oe=UTF-8&gfe_rd=cr&ei=C70MU6vvLIGX8Qfei4DQBQ >. Acesso em: 02 jun. 2014.
_____. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <
http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF >. Acesso em: 02 jun. 2014.

_____. MENEZES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.